

TRANSGRESSÕES DE GRAFIA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ESCOLARES DO PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA (PROERD)

ORTHOGRAPHIC MISTAKES ON THE TEXTS PRODUCTION OF STUDENTS OF THE EDUCATIONAL PROGRAM OF RESISTANCE TO THE DRUGS AND THE VIOLENCE (PROERD)

*Jáima Pinheiro de Oliveira¹
Adilson Gonçalves da Silva²
Eveline Bonki³*

RESUMO:

A presença de erros de grafia na escrita de escolares, com ou sem dificuldades de aprendizagem, continua sendo tema de discussão, seja em função da maneira de se analisar tais erros, ou de como minimizá-los. O foco do presente trabalho volta-se para a classificação dessas manifestações de escrita, ou seja, para a análise de erros cometidos por escolares de 4ª série que participaram do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). O objetivo principal de nossa pesquisa foi identificar a frequência e caracterizar os erros presentes em produções textuais destes escolares. Tivemos como base para essa análise os estudos de Zorzi (1998). Os erros mais comuns encontrados foram: representações múltiplas (24,0%), omissões de grafemas (18,0%), grafemas semelhantes (13,0%) e erros relativos à hipo e/ou hiperssegmentação (11,0%), dentre outros. A caracterização dos erros de escrita possibilita o planejamento de intervenções específicas, assim como o uso de estratégias que possam prevenir a ocorrência desses erros em níveis de escolaridade mais avançados, como no caso da amostra analisada.

PALAVRAS-CHAVES: PROERD; Educação; Ensino Fundamental; Ortografia; Escrita.

ABSTRACT:

¹ Fonoaudióloga; Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de Marília/SP; Docente do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *Campus* de Irati/PR.

² Pedagogo; Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de Marília/SP.

³ Discente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *Campus* de Irati/PR; Estagiária do Projeto “Oficinas de Leitura e Escrita – OLE”, coordenado pela primeira autora.

Presence of the orthographic mistakes on the writing of the students with or without learning difficulties still is a concern. The focus of these study is the classification of orthographic mistakes on the writing of the students who had participated of the Educational Program of Resistance to the Drugs and the Violence (Proerd). Sixty four grade children from a public school were individually analyzed in this study. The aim of this study was to verify the frequency and characterization of the orthographic mistakes on the texts production these students. We had as base for this analysis the studies of Zorzi (1998). The most frequent mistakes made by students were: irregular phonographemic relation (24%), letters omission (18%), similar letters (13%) and hypo-segmentation and hyper-segmentation (11,0%), amongst others. The characterization of the mistakes writing makes possible the planning of the interventions, as well as, the use of the prevention strategies.

KEYWORDS: PROERD; Education; Education Primary; Orthography; Writing

1.INTRODUÇÃO

Os estudos atuais sobre produção de texto indicam diversos modelos de intervenção que auxiliam os alunos tanto na estrutura, quanto no conteúdo desses textos. Há estudos que indicam que essa produção torna-se mais eficiente com apoio. A análise dessa habilidade tem sido amplamente explorada pela literatura nacional (SILVA; SPINILLO, 2000; REGO; 1986; LINS E SILVA; SPINILLO, 1998) e internacional (MASON; GRAHAM, 2008; BUI; SCHUMAKER; DESHLER, 2006; WALKER et al., 2005), com o intuito de compreender esse processo e posteriormente auxiliar as crianças que possuem dificuldades na habilidade de produção textual e no desempenho escolar, de modo geral.

Dentro desse contexto, há uma preocupação que também é destaque nas pesquisas: trata-se do aprendizado da ortografia. A escrita ortográfica não é resultante apenas da aquisição da relação grafonêmica. Esse conhecimento necessita de intervenções pontuais no início do período de escolarização, pois mesmo dominando o princípio alfabético, o escolar ainda irá percorrer um longo caminho até conseguir escrever de maneira a considerar pelo menos a maioria das regras ortográficas. Além disso, o sistema alfabético não é um sistema puro, no qual cada letra corresponde a um único som e vice-versa. Nesse sistema há regularidades e irregularidades (ZORZI, 2005). Isso justifica, em parte, a necessidade de uma intervenção sistematizada, com base nessas características desse sistema.

Há vários fatores que influenciam a pronúncia das palavras (localização regional, nível sociocultural, idade, dentre outros) e a ortografia é um dos elementos que confere unidade à escrita, facilitando, desse modo, o entendimento do texto escrito.

Embora haja ainda diversas formas de se ensinar a ortografia, de modo geral, hoje, propõe-se uma visão gerativa (MORAIS, 2003; LEMLE, 2003), ou seja, durante todo o processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, no início deste, os escolares geram a grafia de palavras de acordo com sua concepção e seu conhecimento de escrita, e não somente através de simples reprodução convencional. E, a partir da análise dessa produção é que poderão ser feitas as devidas intervenções educacionais.

De modo geral, o ensino da ortografia ocorre simultaneamente ao ensino da leitura e da escrita. Porém, há crianças que possuem mais dificuldades em relação aos aspectos ortográficos. Isso não pode tirar o mérito do conteúdo de seu texto, isto é, a dificuldade com a ortografia não deve ser considerada como um impedimento para o progresso dos alunos, em relação às habilidades metatextuais. A reflexão acerca dessas questões tem sido mais expressiva nas produções científicas atuais e, a maior parte dos pesquisadores considera de fundamental importância a análise da semiologia dos erros de grafia (FERNÁNDEZ et al, 2010).

Souza e Correa (2007) realizaram um estudo cujo objetivo foi investigar se a reprodução escrita de um texto conhecido facilitaria o desempenho ortográfico de crianças da 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Foram analisadas as histórias escritas em dois contextos de produção textual: um de reprodução escrita de histórias e outro de escrita livre. Os dados foram analisados em função da frequência e do tipo de transgressões de grafia realizadas pelas crianças. Os resultados mostraram que o contexto de reprodução escrita de histórias não influenciou o desempenho ortográfico das crianças em termos de frequência de transgressões realizadas. As autoras concluíram que o desempenho ortográfico de escolares nos anos iniciais do Ensino Fundamental parece ser mais fortemente influenciado pela escolaridade e pelas habilidades e conhecimentos que esses escolares possuem.

Por outro lado, Pontecorvo e Ferreiro (1996) observaram que o contexto de reprodução escrita de história favorecia o desempenho ortográfico de crianças com nível de escolaridade equivalente às séries iniciais do Ensino Fundamental, quando comparado ao contexto de escrita livre, sugerindo que esse tipo de contexto seria mais viável para minimizar os erros de grafia das crianças.

Esses estudos indicam que há controvérsia na literatura sobre o assunto e as pesquisas atuais tentam contribuir no sentido de fornecer um estudo da evolução ortográfica das crianças de Ensino Fundamental, a partir do estudo da semiologia de tais erros.

Zorzi (1998) realizou uma pesquisa com 514 alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, de modo a fornecer uma classificação dos erros de grafia cometidos por essas crianças. Nesse estudo o autor também analisou os erros mais comuns na escrita das crianças, a fim de verificar a ocorrência de cada tipo de erro relacionado com as séries.

Zorzi (1998) forneceu 11 tipos de erros com descrição detalhada de cada um deles, assim como a explicação provável para suas ocorrências. Esse estudo é uma das referências principais para a análise os estudos de semiologia de erros de grafia.

Zuanetti et al (2008) realizaram uma pesquisa com o objetivo de comparar se escolares com baixo desempenho em escrita cometem mais erros de grafia do que aqueles da mesma série com desempenho satisfatório nessa habilidade. Além disso, as autoras verificaram quais os tipos de erros mais frequentes na escrita dos escolares participantes do estudo. Fizeram parte da amostra, vinte e quatro escolares de 2ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública. Todos foram avaliados individualmente por meio da aplicação do subteste de escrita do Teste de Desempenho Escolar (TDE), composto por trinta e quatro palavras ditadas aos alunos. Os resultados indicaram que os escolares com desempenho inferior em escrita cometeram significativamente mais erros do que o grupo com desempenho satisfatório. Os erros que tiveram diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos foram erros do tipo hipercorreção, dificuldade com marcadores de nasalização, relação fonografêmica irregular, omissões de sílabas e erros por troca de letras. As autoras concluíram que quanto melhor o desempenho em escrita, menos erros possui a elaboração gráfica do escolar. Concluíram ainda que a ocorrência de erros de grafia, na amostra, em diferentes etapas de alfabetização, pode ser resultado de elaborações e reelaborações lançadas pelos escolares em relação ao processo de desenvolvimento e aprendizagem da escrita.

A fim de contribuir com essas discussões, o nosso estudo teve como meta verificar a frequência e os tipos de erros mais comuns realizados por escolares de 4ª série do Ensino Fundamental durante a produção de um texto descritivo com tema previamente trabalhado.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracterizou-se por ser do tipo descritivo, no qual participaram trinta e dois escolares do gênero masculino e vinte e oito do gênero feminino. A faixa etária variou de 10 a 12 anos de idade.

Todos os escolares frequentavam a 4ª série do Ensino Fundamental, à época da coleta de dados. A amostra foi constituída por escolares de três escolas municipais situadas em três cidades do interior de São Paulo. Dentre os critérios de seleção estavam: participação voluntária no estudo, idade entre 10 e 12 anos e participação no PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência. Trata-se de um programa que trabalha dentre outros aspectos, a compreensão, por parte de escolares, dos riscos e efeitos do uso de drogas, discussão acerca das crenças do seu grupo em relação às drogas, apresentação de alternativas saudáveis em contraposição ao uso dessas substâncias. Além disso, o programa enfatiza ainda a necessidade de se compreender as estratégias para

negação, habilidades de comunicação, afirmação e resistência à pressão dos para o uso de drogas e envolvimento com atos de violência. Outros aspectos acerca desse programa encontram-se em Silva et al (2008). A seguir, é apresentada uma tabela, a fim de sistematizar a caracterização dos participantes.

Tabela 1 – Distribuição da amostra por idade e gênero

Grupos	Gênero	
	Masculino	Feminino
G1 (10 anos)	8	6
G2 (11 anos)	14	16
G3 (12 anos)	10	6
Total	32	28

Fonte: dados da pesquisa

2.1 Local

A coleta de dados foi realizada nas escolas, nas quais foram recrutadas as crianças, após as devidas autorizações.

2.2 Materiais e instrumentos

Os principais materiais utilizados foram as redações confeccionadas pelos escolares. Essas redações foram coletadas nos meses de novembro de 2007 e maio de 2008 e foram escolhidas de modo aleatório. Essas redações configuram-se como o principal meio de avaliação do impacto do PROERD na vida dos participantes do programa e são produzidas ao final da aplicação desse programa. Além desse material, utilizou-se ainda: papel A4, lápis, borracha, caneta, dentre outros. E por fim, utilizamos um quadro contendo a proposta de análise de erros de grafia (ZORZI, 1998).

2.3 Procedimentos de coleta e análise de dados

Num primeiro momento, foram feitas visitas às escolas, a fim de estabelecer contatos com educadores e direção destas, para colher informações sobre o funcionamento das escolas, turnos, séries, recursos, perfil dos alunos de anos/séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, dentre outras. Nesse momento, foram solicitadas autorizações para a escola, professores e pais ou responsáveis para participação destes e das crianças no estudo.

Em seguida, foi desenvolvido um programa educativo com as crianças sobre a prevenção do uso de drogas e resistência à violência. Esse programa constou de 10 encontros, sendo um encontro por semana, com duração de 50 minutos cada, nos quais eram tratadas questões relativas aos efeitos das drogas no organismo, tipos de drogas, reconhecimento da pressão de colegas, auto-estima, alternativas saudáveis, dentre outros. O programa aplicado é padronizado para as escolas de Ensino Fundamental e utiliza como forma de avaliação, uma redação produzida pelos alunos, no último encontro. Essa redação, embora seja livre, deve conter aspectos aprendidos ao longo dos encontros (SILVA et al., 2008).

A produção de texto realizada ao final do programa, como um dos itens de avaliação do impacto deste, é que foi considerada para fins de análise ortográfica em nosso presente estudo. Essa análise ortográfica foi feita com base em Zorzi (1998) e tem como objetivo central o estudo da evolução do desenvolvimento ortográfico nos textos de escolares do Ensino Fundamental. As transgressões de grafia dos escolares foram classificadas por dois juízes independentes e o índice de concordância obtido entre eles foi de 90%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados de modo a indicar a caracterização e a frequência das principais transgressões de grafia, observadas nos textos analisados. Esses dados foram expostos na Tabela 2, a seguir, e discutidos à luz da literatura.

Tabela 2 – Caracterização e frequência de erros ortográficos observados

Tipos de erros de grafia	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Representações múltiplas	52	24,0%
Omissões de letras	39	18,0%
Letras parecidas	28	13,0%
Junção ou separação		

convencional das palavras	24	11,0%
Alterações ortográficas	21	9,0%
Substituições envolvendo fonemas surdos/sonoros	16	7,5%
Generalizações de letras	14	6,5%
Confusão em terminações “am” e “ao”	6	3,0%
Inversões de letras	6	3,0%
Acréscimos de letras	6	3,0%
Outros erros	4	2,0%
Total de erros categorizados	216	100%

Observa-se, na Tabela 2, que o erro mais frequente na produção escrita dos escolares foi o de representações múltiplas, o qual aparece com uma frequência de 24,0%. No estudo de Zuanetti et al (2008) foram encontrados resultados semelhantes ao nossos. Esse erro, segundo Zorzi (1998) ocorre em função das relações não estáveis presentes entre fonemas e grafemas na Língua Portuguesa. De maneira geral, os sistemas de escrita alfabética apresentam como característica essencial correspondências entre sons e letras, porém, nem sempre essa relação é estável. Zorzi (1998) exemplifica essa situação com a relação estável do grafema *f* (sempre utilizado com o som de /f/) e a relação não estável do grafema *c* (às vezes, representado pelos sons de /k/ e /s/). Desse modo, supõe-se que os erros de representações múltiplas podem ser originados em função dessas relações.

Em seguida, aparecem as omissões de letras em 18,0% das produções das crianças. No estudo de Souza e Correa (2007), as autoras encontraram frequências semelhantes desse erro em escolares de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Porém, no estudo dessas autoras, foi utilizada para análise a reprodução de uma narrativa conhecida (Chapeuzinho Vermelho) e um texto livre. Para alguns autores, como Pontecorvo e Ferreiro (1996) é possível que o contexto de produção textual das crianças interfira na frequência de erros cometidos. Por outro lado, Souza e Correa (2007) não encontraram diferenças significativas em relação aos erros emitidos nos dois contextos analisados (reprodução escrita de histórias e escrita livre). As autoras tinham como hipótese que a familiaridade com o texto e a estrutura dos contos de fadas pudesse influenciar o desempenho ortográfico das crianças de anos ou séries iniciais do ensino fundamental, o que não ocorreu.

Novamente no estudo de Zuanetti et al (2008) as autoras encontraram uma alta frequência de um erro semelhante (omissão de sílabas). As mesmas consideraram que a omissão de sílabas aparece como uma manifestação de escrita na fase inicial de seu desenvolvimento e aprendizagem. Por outro lado, não podemos deixar de destacar que a população estudada pelas autoras era de 2ª série, enquanto a nossa amostra foi composta de escolares de 4ª série. As autoras discutem tal manifestação a partir de aspectos da etapa de

“fonetização” da escrita, na qual a criança começa a colocar um grafema para cada sílaba, depois um grafema ora para uma sílaba, ora para um fonema, até que ela perceba que cada fonema possui um grafema correspondente. É possível realizarmos tal analogia também em relação às manifestações observadas em nosso estudo, ou seja, comprovarmos tal situação de aquisição de escrita por meio das manifestações ortográficas supra-analisadas.

Na pesquisa de Zuanetti et al (2008) ainda foi observado que o desempenho ortográfico dos escolares nos anos iniciais do Ensino Fundamental é mais fortemente influenciado pela escolaridade e pelas habilidades e conhecimentos que essas crianças constroem relacionados ao domínio do sistema de escrita. Ou seja, o desempenho em relação às habilidades cognitivas envolvidas na linguagem escrita, parece não interferir no desempenho ortográfico.

Essa mesma observação também é feita em relação à estrutura do texto produzido pelas crianças com esse nível de escolaridade, ou seja, ela é fortemente influenciada pelo contato prévio que as crianças tiveram com a linguagem escrita antes de sua entrada na escola (FERREIRA; CORREIA, 2008; OLINGHOUSE, 2008).

Reforçamos a ideia de que a semiologia de erros de grafia fornece um perfil de desenvolvimento da escrita das crianças, pois há alguns deles que são mais comuns em escolares na fase de aquisição e desenvolvimento dessa modalidade de linguagem. É o caso, por exemplo, da junção ou separação convencional das palavras. Note-se que, embora apareça com uma frequência relativamente baixa (11,0%), sua presença é marcante nos textos analisados, o que pode indicar que os escolares que cometeram esse erro encontram-se em fase inicial de aquisição escrita.

Considerando isso, Morais (2003) sugere que os professores utilizem atividades que ajudem os alunos na aquisição da competência ortográfica. Devemos considerar ainda que o trabalho com a ortografia tem uma relação estreita com a produção textual. E nesse sentido, é preciso considerar os tipos de gêneros textuais com os quais os escolares mantêm contato. Alguns estudos, como os de Oliveira e Braga (2009) e Ferreira e Correia (2008) sugerem o trabalho com textos narrativos, em função da familiaridade desse gênero em todas as fases do desenvolvimento infantil. Koch (1995) comenta também sobre a possibilidade de a criança ser mais criativa utilizando esse gênero, já que o mesmo lhe é familiar.

Observa-se, ainda, nos resultados da Tabela 2, a presença de erros relacionados às substituições envolvendo fonemas surdos/sonoros. Normalmente as crianças que cometem esse erro ainda estão utilizando fortemente o apoio na oralidade durante a escrita. Isso ocorre também em fase inicial de aquisição e desenvolvimento dessa habilidade. Esse erro, segundo Zorzi (1998) pode estar relacionado a uma dificuldade de discriminação auditiva, dando a impressão de que essas habilidades não se mostram suficientes para garantir a grafia correta das palavras envolvendo letras que representam os pares de fonemas surdos e sonoros. Isso pode ocorrer em crianças que apresentam ou não a mesma dificuldade na linguagem oral.

Essa dificuldade pode também estar ligada ao conhecimento metalinguístico, ou seja, além de usar a linguagem, o indivíduo precisa pensar sobre ela para fazer julgamentos. Sem dúvida, esse conhecimento é essencial para o domínio da linguagem, seja ela oral ou escrita. Vários estudos indicam a importância da consciência fonêmica e da consciência fonológica como conhecimentos essenciais para o aprendizado da leitura e da escrita (CAPELLINI, 2004; CAPOVILLA et al, 2006).

Outros estudos (CUNHA, CAPELLINI, 2009; CAPOVILLA et al, 2004; CAPOVILLA; GUTSCHOW; CAPOVILLA, 2004; MALUF; BARRERA, 1997) indicam que as habilidades de consciência fonológica são as que mais interferem no processo de alfabetização, seja como fator causal ou como elemento favorecedor. Dessa forma, as atividades envolvendo essas habilidades podem ser introduzidas no período que antecede esse processo, durante o mesmo ou ainda, após a alfabetização, nas dificuldades já instaladas (PAULA et al., 2005; MORAIS, 1996; HATCHER et al., 1994).

Reafirmamos que os resultados obtidos sugerem que os erros de grafia cometidos pelos escolares estão relacionados à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem escrita. Características como hipo ou hiperssegmentação podem ser consideradas como hipóteses utilizadas pelas crianças em fases iniciais de aquisição da escrita.

Por outro lado, Ferreira e Correa (2010) comentam que embora a grafia convencional das palavras ainda seja uma tarefa difícil para escolares do 1º ciclo do Ensino Fundamental,

[...] o 3º ano parece ser um ponto de inflexão em termos do conhecimento ortográfico da criança. Em termos gerais, a criança, nesta etapa de sua escolaridade, conseguiria resolver com relativa facilidade grande parte dos desafios colocados pelas convenções ortográficas apresentadas, não havendo, inclusive, diferenças significantes do seu desempenho em relação ao das crianças cursando a série seguinte (FERREIRA; CORRREA, 2010, p. 47).

Além disso, a maior parte das transgressões realizadas pelos escolares, remetem-nos mais à fala do que à escrita. Portanto, não se pode desconsiderar esse aspecto, já que se trata de um apoio para esses escolares sem relação ao processo de desenvolvimento da linguagem escrita. Por outro lado, é um aspecto que deve fazer parte da intervenção escolar, pois não se pode deixar que o escolar se aproprie de uma grafia incorreta do ponto de vista linguístico, ao longo dos anos.

Sobre isso, Fernández et al (2010) comentam que é de extrema importância a análise semiológica de erros de escrita para um planejamento de intervenção eficaz. E esse planejamento deve enfatizar “atividades que se adaptem às características semiológicas de cada tipo de erro e aos fatores cognitivos ou linguísticos implicados” (p.

501). Além disso, os autores reforçam que pais e professores devem receber orientações de como enfatizar o trabalho com a ortografia, seja na escola ou em ambiente domiciliar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo permitiu concluir que os erros mais comuns observados na amostra estudada foram os de representações múltiplas, omissões de grafemas, letras parecidas e erros relativos à hipo e/ou hiperssegmentação.

Esse perfil de erros cometidos pela amostra estudada indicou que grande parte destes erros está ligada ao desenvolvimento da escrita. Isso merece alerta em relação aos encaminhamentos equivocados dessas crianças para atendimentos clínicos. Disso decorre a importância do estudo da evolução do desenvolvimento ortográfico nos textos de crianças do Ensino Fundamental para o planejamento adequado de intervenções educacionais.

Em muitos casos, os erros ortográficos representam apenas uma das manifestações de escrita de crianças encaminhadas. É preciso nos atentar para o fato de que, se essas manifestações estiverem ligadas à aquisição e ao desenvolvimento da criança, é possível saná-las apenas com intervenções em ambiente escolar, ainda que seja necessária a ajuda de outro profissional. E nesse sentido, reforçamos que essa intervenção deve ocorrer o quanto antes, pois em nosso caso, trata-se de uma população de 4ª série, época em que os erros relacionados ao desenvolvimento da escrita não deveriam mais estar presentes nas produções desses escolares.

Não podemos perder de vista que as intervenções individuais contribuem com o desempenho escolar das crianças, mas é preciso ter em mente que essa contribuição está ligada aos casos de dificuldades de aprendizagem, com manifestações em várias esferas do desenvolvimento e não apenas na linguagem escrita. Nesse sentido, deve-se tentar minimizar os casos de dificuldades de aprendizagem por ações cotidianas que integrem fundamentalmente, os alunos, os educadores e familiares e/ou cuidadores.

REFERÊNCIAS

BUI, Y. N.; SCHUMAKER, J. B.; DESHLER, D. D. The Effects of a Strategic Writing Program for Students with and without Learning Disabilities in Inclusive Fifth-Grade Classes, *Learning Disabilities Research & Practice*, 21(4), 244–260, 2006.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. SUITER, I. Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, Maringá, set/dez, p. 449-458, 2004.

CAPOVILLA, A. G. S.; GUTSCHOW, C. R. D.; CAPOVILLA, F. C. Habilidades cognitivas que predizem competência em leitura e escrita. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, n. 2, São Paulo, p. 13-26, 2004.

FERNANDEZ, A. Y. *et al.* Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 3, jun. 2010. Disponível em : www.scielo.br, acessado em 20 outubro de 2010.

FERREIRA, F.; CORREA, J. Consciência metalinguística e a representação da nasalização na escrita do Português Brasileiro. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, Fevereiro de 2010. Disponível em www.scielo.br, acessado em 12 de julho de 2010.

_____. A influência de diferentes contextos de intervenção na escrita de histórias por crianças, **Estudos de Psicologia**, Campinas, 25(4), 547-555, out/dez, 2008.

FERREIRO, E. Desenvolvimento da alfabetização. In: GOODMAN, Y. M. (Org). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas; Cap. 2. p. 22-35, 1995..

HATCHER, P.; HULME, C.; ELLIS, A. Amelio rating early reading failure by integrating the teaching of reading and phonological skills: the phonological linkage hypothesis. **Child Development**, p. 41-57, 1994.

KOCH, I. V. Aquisição da escrita e textualidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, 29, p. 109-117, jul/dez, 1995.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador** (15ª ed). São Paulo: Ática, 2003.

LINS E SILVA, M. E.; SPINILLO, A. G. Uma análise comparativa da escrita de histórias pelos alunos de escolas públicas e particulares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 79(193), 5-16, 1998.

MALUF, M. R.; BARRERA, S. D. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, n. 1, Porto Alegre, p. 125-145, 1997.

MASON, L. H.; GRAHAM, S. Writing Instruction for Adolescents with Learning Disabilities: Programs of Intervention Research, **Learning Disabilities Research & Practice**, 23(2), 103–112, 2008.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender** (3ª ed). São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, J. P. BRAGA, T. M. S. Efeitos de um programa de intervenção com base em apoio pictográfico e consciência metatextual, **Anais do IX EDUCERE e III ESBPp**, p. 6574- 6586, ISBN: 21761396, PUC Editora, Curitiba, PR, 2009.

PAULA, G. R.; MOTTA, H. B.; KESKE-SOARES, M. A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização, **Revista Pró-fono de Atualização Científica**, v. 17, n. 2, Brueri, mai/ago, 2005.

PONTECORVO, C.; FERREIRO, E. Língua escrita e investigação comparativa. In FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, R. N.; HIDALGO, I. G. (orgs). **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever – estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas**, São Paulo: Ática, p. 11-37, 1996.

REGO, L. L. B. A escrita de histórias por crianças: As implicações pedagógicas do uso de um registro lingüístico. **Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, 2, 165-180, 1986.

SILVA, M. E. L.; SPINILLO, A.G. A Influência de Diferentes Situações de Produção na Escrita de Histórias, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2000, 13(3), pp.337-350.

SILVA, A. G. ; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; BRAGA, T. M.; Horiguela, M. L. M. O uso de redação como método de avaliação no Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). **Revista LEVS**, v. 2, p. 82-91, 2008.

WALKER, B.; SHIPPEN, M. E.; ALBERTO, P.; HOUCHINS, D. E.; CIHAK, D. F. Using the *Expressive Writing* Program to Improve the Writing Skills of High School Students with Learning Disabilities, **Learning Disabilities Research & Practice**, 20(3), 175–183, 2005.

ZORZI, J. L. **Desvios na ortografia**. In: FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. (Orgs). **Tratado de Fonoaudiologia**, São Paulo: Roca, Cap. 68. p. 878-891, 2004.

ZORZI, J.L. **Aprender a escrever** – a apropriação do sistema ortográfico. Artes Médicas, 1998.